

**FERREIRA, Vergílio — Nitido Nulo, Lisboa, Portugalia Editora,
1971, 316 pp.**

Eis novamente Vergílio Ferreira no mundo do romance em que já se firmou com obras basilares como *Aparição*, *Estrela Polar* e *Alegria Breve*.

Algumas tónicas permanecem neste *Nitido Nulo*, curioso título, aliás, como são todos os do romance de V.F.: as tiradas filosóficas, o ensaísmo, embora bem mais diluído comparativamente a *Aparição* e *Estrela Polar*, a preocupação com o transcendente mas também com a dimensão erótica, resolvem o tipo de vivência da personagem vergiliana, novamente.

Outro dado que se repete é o foco narrativo em primeira pessoa, isto é, tudo é projetado de uma personagem que se destaca e dela deriva a visão conceptual, sentimental e sensorial do mundo. Jorge, que aliás, vem a ser preso (não se sabe no início do romance o porquê), revê suas experiências de caráter sentimental erótico, especialmente, inicialmente na praia onde o autor desnuda suas personagens para situar as impressões, as idéias e as sensações da protagonista do romance. E aqui, diferentemente do que ocorre em romances anteriores, o erotismo sobreleva a tudo, V.F. confirma novamente que a experiência no plano erótico revela-se de caráter transcendente, alcança o absoluto (a eternidade da felicidade no instante). Tal processo o aproxima da poesia de Herberto Helder (de *Ofício cantante*) das mais puras e primitivas vozes a acentuar o caráter transcendente da experiência erótica, que se fazem ouvir na moderna e atual literatura portuguesa. Isto os aproxima, por outro lado, da poesia de Fernando Pessoa para quem toda a matéria é espírito e todo espírito é matéria.

Mas, retomemos o romance: a linha erótica acentua naturalmente a presença de algumas figuras femininas. O A., nestes momentos abandona o refinamento da linguagem ligada às graves reflexões, operando numa linguagem despojada para enfatizar a vivência erótica da personagem Jorge. À guisa de exemplo, veja-se a relação entre o protagonista e Vera.

“Vera tira os óculos, poisa o livro, escorrega até a posição horizontal, os olhos cerrados. Trêmulos, os dedos lentos. Mudos e intensos, só neles o frêmito fino e ácido. Na ponta a polpa, à fina flor das linhas da anca, na linha do cruzamento, na flor. Na fimbria dos seus dedos, vertigem elétrica da minha pele. No curvado de mim vibra o ondedado do seu corpo, como uma hélice o seu corpo. Choro profundo, suave, arranca lento em espiral, sobe estrangulado até o limite da sufocação. Revoluzado giro como uma serpente na procura da adesão total, os dois corpos em torno um do outro, simétrico enleio, o nó fechado. (p. 84)”

A intensa vivência erótica das personagens explica o uso de certos termos emprestados do campo da fisiologia e que parecem definir mais claramente a própria essência da vida, ao mesmo tempo que conferem maior humanidade ao protagonista do romance, aproximando-o da realidade comum características da maioria dos homens.

O importante é que Jorge tem consciência da importância do despojamento de sua linguagem, como válvula de escape da imensa concentração mental em que está metido. De resto, não seria natural admitir, de uma hora para outra, o abandono da extrema lucidez com relação às suas ações e suas palavras. O que acontece é que o romancista dá maior dimensão à vivência física e fisiológica das personagens. Comparando Jorge com outros protagonistas anteriores de V.F., Alberto de *Aparição*, Adalberto de *Estrela Polar* e Jaime de *Alegria Breve*, o que ocorre? De todas elas o protagonista de *Nítido Nulo* revela-se mais homem, mais terra-à-terra, mais igual, e não tão idealizado comparativamente aos outros.

Problemas como os da comunhão humana, da aparição, da busca do auto-conhecimento num sentido limite, tendem a desaparecer. As palavras são substituídas pelos atos, isto é, a personagem já não sacrifica a aridez de viver intensamente à aridez de pensar. Parece que o romancista acolhe a idéia de que as palavras nada mais dizem e cumpre realizar-se no plano da ação (que inclui a dimensão erótica), mas sem se refletir que leva ao cansaço. As personagens agora querem é viver e intensamente. Jorge parece sentir-se no início da velhice, daí o entusiasmo em gastar energias no viver erótico, que se desgastam antes daquelas da ordem das idéias ou dos sentimentos e o romance adquire esta dimensão curiosa — a do homem que começa a envelhecer e a ver longe o que está perto ao invés do jovem, que procura ver perto o que está longe.

O próprio título do romance, *Nítido Nulo*, assinala que o romance constitui visão total, claridade ampla com relação ao mundo e as coisas que o cercam a personagem, mas também de afastamento consciente.

Seria o romance do fim, a encerrar a carreira de Vergílio Ferreira ou voltará ele à senda de *Estrela Polar*, reservando-nos novas surpresas no plano da criação literária?

De qualquer forma, *Nítido Nulo* constitui rompimento com uma trajetória delineada com *Aparição*, *Estrela Polar* e *Alegria Breve*.

Enfim, atitude filosofante, embora esmaecida e visão poética da realidade ainda permanecem no romance em tela e como se sabe constituem duas das grandes forças-motrices do romancista Vergílio Ferreira.

Como exemplo da visão poética, destaque-se apenas o momento em que lemos:

— Porque só o ilimitado é o LIMITE de todos os limites, só o silêncio é a VOZ.

Ao fim e ao cabo, este *Nítido Nulo*, embora não esteja à altura de *Estrela Polar*, *Alegria Breve* e *Aparição*, constitui, decerto, leitura obrigatória a todos os interessados no grande romance português da atualidade.